

estrema

REVISTA INTERDISCIPLINAR DE HUMANIDADES
INTERDISCIPLINARY JOURNAL OF HUMANITIES

Título: “Uma sombra na oratória de Vieira: análise do *Sermão de Santo António* (1671)”.

Autor(a/s): António Seabra

Fonte: *estrema: revista interdisciplinar de humanidades*, s. 2, no.1., Maio, 2022, pp. 158-170.

Publicado por: Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (CEComp).

URL: <http://estrema.lettras.ulisboa.pt/ojs/index.php/estrema/article/view/274>

Citação Sugerida (17ª edição do Chicago Manual Style): Seabra, António. 2022. “Uma sombra na oratória de Vieira: análise do *Sermão de Santo António* (1671).” Em *estrema: revista interdisciplinar de humanidades* 2(1), pp 158-170. [<https://doi.org/10.51427/com.est.2022.0007>].

Title: “Uma sombra na oratória de Vieira: análise do *Sermão de Santo António* (1671)”

Author(s): António Seabra

Source: *estrema: interdisciplinary journal of humanities*, s. 2, no.1, May 2022, pp. 158-170.

Published by: Centre for Comparative Studies of the School of Arts and Humanities, University of Lisbon (CEComp).

URL: <http://estrema.lettras.ulisboa.pt/ojs/index.php/estrema/article/view/274>

Suggested Quotation (17ª edition of Chicago Style Manual): Seabra, António. 2022. “Uma sombra na oratória de Vieira: análise do *Sermão de Santo António* (1671).” In *estrema: revista interdisciplinar de humanidades* 2(1), pp 158-170. [<https://doi.org/10.51427/com.est.2022.0007>].

Uma sombra na oratória de Vieira: análise do *Sermão de Santo António* (1671)António Seabra¹

Resumo: O *Sermão de Santo António* (1671) forma um díptico com o sermão homónimo proferido no ano anterior: depois de ter descrito as luzes da sua nação, Vieira propõe-se descobrir as respectivas sombras. Pretendo demonstrar que as circunstâncias e o contexto em que o sermão foi redigido permitem, por um lado, compreender o arrojo do discurso barroco, e legitimam, por outro lado, uma leitura biografista do texto.

Palavras-chave: Sermões; Santo António; claro-escuro; barroco; vida e obra.

Abstract: Written in 1671, the "Sermon of Saint Anthony" makes up a diptych with the homonymous sermon given the previous year. In fact, after having illustrated his nation's lights, Vieira wants to explore its shadows. This work aims to show that the circumstances and context in which the sermon was written allow us to understand the boldness of the baroque speech as well as help us warrant a biographical interpretation of the text.

Keywords: sermons; Saint Anthony; chiaroscuro; baroque; life and work.

¹ Nasci em Lisboa, em 1991, e vivi no Algarve até 2004, ano em que tornei à capital. Hoje sou açoriano. Aportámos, vomitado[s] das ondas, numa ilha fresca e bela. Cursei Línguas, Literaturas e Culturas (FLUL, 2013), tornei-me Mestre em Ensino de Português (FCSH, 2015) e concluí uma pós-graduação em Estudos Clássicos (FLUL, 2018). Sou professor; e pai.

I was born in Lisbon in 1991 and lived in the Algarve until 2004 the year I returned to the Portuguese capital. Today, I am an Azorean. "Propelled by waves", we have come to a "beautiful and fresh island". I majored in Language, Literature, and Culture at the University of Lisbon (2013). I became a master in Portuguese Language Teaching at Nova University's Faculty of Social & Human Sciences (2015). In 2018, I did a post-graduate degree in Classical Studies at the University of Lisbon. I am a teacher and a father.

Uma sombra na oratória de Vieira:
análise do Sermão de Santo António (1671)

António Seabra

Introdução

Os sermões de António Vieira apresentam diversas técnicas compositivas que permitem situar a obra do padre jesuíta na oratória barroca. Afirmando-se em reação ao classicismo, que valorizava a simplicidade, a objectividade e o despojamento formais, o barroco (do francês antigo *baroque*, “verruga, saliência, irregularidade”) privilegia o excesso e a extravagância, o movimento turbulento, a tempestade intempestiva, a *grandeur* – e todas as demais verrugas. No campo da literatura, o investimento incide sobre o exercício de depuração e dissecação da palavra, num meticuloso labor ao nível dos (micro)elementos de um texto. Daí que encontremos, na oratória vieiriana, um catálogo de figuras e tropos, que desfilam no texto como actores num palco. De entre os múltiplos e variados recursos estilísticos utilizados pelo exímio pregador, destaca-se aquele que é transversal a uma vasta gama dos seus sermões: a antítese. Com esta figura, na maioria dos contextos em que a ela recorre, pretende o orador acentuar um contraste para o qual o assunto desenvolvido no sermão remete – seja a apologia de uma virtude², seja o encómio (ou vitupério) de um povo³. Daí que a dicotomia luz/sombra desempenhe um papel fundamental no edifício dos textos sermonísticos de António Vieira, com particular evidência no acervo dedicado ao santo homónimo, do qual constam nove sermões.

² Tecendo considerações sobre o peixe voador, declara Vieira: “Bem seguro estava ele do fogo, quando nadava na água, mas porque quis ser borboleta das ondas, vieram-se-lhe a queimar as asas” (Vieira 1959, VII, 273).

³ Descrevendo o povo amazona, cria um jogo semântico de oposição entre os sufixos “zona” e “zinha”: “Outros lhe chamam Rio das Almazonas, mas eu lhe chamo Rio das Almazinhas, não por serem menores, nem de menos preço - pois todas custaram o mesmo - mas pelo desamparo e desprezo com que se estão perdendo.” (Vieira 1959, V, 251).

Neste ensaio, tentarei explicitar o modo como a dicotomia referida permeia todo o sermão de 1671, a diversos níveis e com relevos distintos. Procurarei, em primeiro lugar, analisar o engenho que subjaz às construções imagéticas em que se opõem luminosidade e trevas, bem como o valor simbólico que elas veiculam; em segundo, enquadrarei o sermão no contexto da longa e não raro tumultuosa existência do pregador, de modo a providenciar pistas de leitura, cruzando vida e obra.

Um sermão peculiar

Se o contexto concorre para determinar o texto, o segundo lança luz sobre o primeiro. Na extensa obra de Vieira, são múltiplos os exemplos da indissociabilidade entre vida e obra⁴. De facto, a conturbada vida do nosso Cícero, que se autoproclama “um marinheiro prático” (Vieira 1854, 109), espelha-se em tudo o que escreveu: nas cartas, por motivos evidentes; nos textos proféticos, cujo substrato filosófico não pode ser desligado da sua experiência biográfica⁵; e nos sermões, por razões de temperamento, concepção artística, mundividência e uma relação *sui generis* com a palavra (com a *Palavra*, primeiro, e com as palavras, depois). Em tudo o que escreveu se sente aquilo a que Margarida Vieira Mendes chamou a “compulsão biográfica” (Mendes 2003, 15).

Os sermões dedicados à santidade de António apresentam diversos pontos de contacto: além de eleger o santo homónimo como modelo de virtude, o orador recupera as mesmas citações e imagens bíblicas, predica conceitos semelhantes e explora questões teológicas e filosóficas idênticas. Se o leitor atentar na luz dimanante de textos cronologicamente contíguos ao oitavo sermão (1671), verificará que tanto o que o antecede (1670) como o que lhe sucede

⁴⁴ No *Sermão de Santa Teresa*, por exemplo, Vieira afirma que chegou inesperadamente àquela ilha de São Miguel “vomitado das ondas”, após uma experiência atribulada (Vieira 1959, VIII, 358).

⁵ Para exemplos da estreita relação entre vida e obra, cf. Cunha 2012, 19 ss.

(1672) são pautados por um tom marcadamente otimista e eufórico: o primeiro constitui um panegírico da expansão marítima portuguesa e o segundo enquadrar-se-ia sem dificuldade na «retórica do elogio» (Espírito Santo, 2012). O último sermão deste ciclo, pregado em Roma entre 1672 e 1674, constitui, nas palavras de António Freire, uma “versão romântica” (Vieira 2008, 69) do celeberrimo sermão que Vieira pregara aos peixes do Maranhão vinte anos antes. Ainda que a intenção retórica seja desagrarar uma impropriedade nominal (o apelido “Antonino” atribuído ao “Magno” António), o registo e a tonalidade do texto são predominantemente exortativos e solares – correspondendo, assim, ao perfil de Vieira no apogeu da sua retumbante e subversiva oratória. Deste ponto de vista, o sermão de 1671 destoa do conjunto – o que o torna merecedor de particular atenção. Além de se tratar do único sermão de Santo António que não chegou a ser pregado (alegadamente por motivos de saúde), o texto exhibe a face lunar de um autor bifronte.

A construção do sermão assenta sobre a dicotomia luz/sombra, tal como aquele proferido no ano anterior, estabelecendo os dois textos uma relação de simetria. Aliás, logo no capítulo I, em jeito de premissa, o próprio autor evidencia esse vínculo, recordando que “não há neste mundo luz sem sombra” (Vieira 1959, VII, 82). Desse modo, deixa clara a sua intenção de, tendo já pregado as luzes, descobrir também as sombras da mesma nação, obedecendo assim às leis da Natureza. Neste movimento de claro-escuro, Vieira leva o leitor a “caminhar da luminosidade mais deslumbrante, porque de origem divina (primeiro sermão), para a sombra mais mesquinha, *porque da condição humana*, terrena (segundo sermão).” (Rita 2011, 252). Condição genericamente *humana* ou estritamente *portuguesa*? O trilho culmina num monte sombrio, onde o sermonista, traçando um retrato desencantado da sua pátria, não visa apenas completar um díptico, mas também tecer considerações de ordem moral.

No terceiro capítulo, com o intuito de demonstrar a justeza da sua premissa, Vieira cita o *Génesis*, afirmando que não há terra que mais se oponha à luz do que a portuguesa; e logo depois evoca duas figuras do Apocalipse: a mulher vestida de luzes (representando a Lusitânia) e o dragão que lhe devora os filhos, não permitindo que a terra lusa luza. “[P]orque é timbre da nossa nação”, conclui Vieira, “tanto que sai à luz quem pode luzir, tragá-lo logo” (Vieira 1959, VII, 87). No capítulo quarto, compara Santo António com dois outros homens de relevo. O primeiro é Saul, que, devido à sua bizarra estatura, foi alvo de todas as setas: assim também o santo português foi vítima da sua própria grandeza. O segundo é o primeiro homem, Adão – que comeu da árvore da ciência, tal como, mais tarde, o primeiro António. Os comentários do orador encerram novamente vitupérios à terra umbrosa: “Não de balde domina sobre Portugal o Sagitário; porque este é o signo em que lá nascem todos os que são apontados com o dedo, para que contra eles se apontem as setas” (1959, 90), “bem sabia que na sua pátria também é delito o muito saber” (1959, 91). No capítulo V, revisita o Evangelho Segundo São João, para acusar o povo que, habitando em terra soalheira, ama deliberadamente as trevas e amaldiçoa o Sol, quer quando nasce, quer quando se põe. O mesmo povo que não pode *ver* porque a inveja, “filha primogénita da soberba” (1959, 90), o torna cego. *Em terra de invejosos, quem tem olho é cego*, remataria Vieira, desferindo o seu penúltimo golpe.

Antes de pôr termo ao discurso, o preclaro orador contrabalança a erudição bíblica com a sabedoria popular, recriando – e *corrigindo* – um provérbio português: «Nem tudo o que luz é ouro» converte-se em «Nem tudo o que é ouro luz». No contexto da argumentação, a transformação da frase não parece, à primeira vista, comportar um significado particularmente disruptivo ou irreverente, constituindo apenas um singelo malabarismo verbal; em boa verdade, as citações bíblicas em latim que povoam o capítulo relegariam o adágio português para um segundo plano, como se de um elemento acessório se tratasse.

Porém, e atendendo ao tom crítico e acusatório de todo o sermão, a modificação do provérbio reveste-se de suprema importância: em tom disfórico, o orador denuncia a esterilidade «da nossa terra», onde a luz recém-nascida, morrendo na ocidental praia, não passa de *potência*.

Vieira e as palavras: uma etimologia imprecisa

O sentido de uma simples palavra adquire uma inusitada plasticidade semântica, quando manuseada por Vieira. Frequentemente, ancorado no *Génesis*, o orador socorre-se da sacralidade da Escritura para defender explicações genesíacas do repertório lexical que utiliza, parecendo querer defender o seu ἔθος de etimólogo. Em outras situações, porém, reconfigura ou adapta a informação etimológica respeitante a determinado vocábulo, em função do fito discursivo que essa explicação serve. Vieira – sintetiza Saraiva – apropria-se das palavras para lhes multiplicar os sentidos, ou parte de um conceito para extrair dele numerosas palavras. O seu arcabouço ao nível da lexicologia, aliado ao deslumbramento ante a beleza dos vocábulos, propicia ao “Imperador da língua portuguesa” (Pessoa 1972, 92) a experiência prazerosa de versar sobre uma unidade lexical como quem discorre sobre as subtilezas de um poema. São diversíssimos os sermões⁶ em que Vieira suspende a argumentação para “explicar uma palavra, analisar-lhe a riqueza, estabelecer-lhe sinónimos, admirar-lhe a ‘energia’ ou corrigir-lhe a imprecisão” (Saraiva 1996, 14). Importa, ainda assim, desenlear o novelo dos tipos de análise enumerados por António José Saraiva. Analisar a riqueza semântica de um vocábulo ou estabelecer relações de sinonímia não são movimentos linguísticos que possam equiparar-se ao primeiro e último mencionados pelo académico. “[E]xplicar uma palavra” ou “corrigir-lhe a imprecisão” poderão constituir empreendimentos de rigor academicamente questionável, por

⁶ A título de exemplo, refira-se o excerto do *Sermão da Terceira Quarta-Feira da Quaresma* em que Vieira se baseia na configuração gráfico-fónica da palavra latina *NON* para reflectir sobre a inexorabilidade da minúscula mas abrupta palavra: “Terrível palavra é um *non*. Não tem direito, nem avesso; por qualquer lado que a tomeis, sempre soa e diz o mesmo. Lede-o do princípio para o fim, ou do fim para o princípio, sempre é *non*.” (Vieira 1959, 278).

estarem frequentemente associados a uma dimensão inventiva do raciocínio⁷. Amiúde Vieira, porventura conduzido pela sua veia poética e profética, resvala para o pantanoso reino das etimologias criativas – e a especulação sobrepõe-se a um conhecimento “científico” e fundamentado. A sua facúndia e agilidade lexical e lexicológica são inversamente proporcionais à regra e contenção com que (não) encadeia e associa as palavras. Tal método exegético é, aliás, próprio do discurso barroco, que subordina todas as normas aos propósitos discursivos. Verifiquemos de que modo o orador distorce o étimo de uma palavra para, neste caso, legitimar a obscuridade do seu sermão.

No intervalo temporal de apenas um ano, Vieira abandona a defesa de um determinado étimo, substituindo-o por outro que melhor se enquadra na sua exposição. E fá-lo, sublinhe-se, por pura conveniência argumentativa. Como o próprio sermonista menciona no início do sermão, um ano antes havia esclarecido que os portugueses eram descendentes do filho de Noé, Tubal, que significa “mundo”, e, por esse motivo, estavam fadados a difundir a Palavra de Deus pelos quatro pontos cardeais. Ademais, o nome *Luzitania* – sustentava Vieira em 70, como quem simplesmente recorda uma informação inscrita no senso comum – aponta precisamente para o termo que se insinua na partícula inicial da palavra. Os portugueses eram, pois, a luz do mundo. Por contraponto, em 1671, já não se identifica com a informação etimológica que apresentara no ano anterior:

Outra etimologia lhe dei eu no sermão passado; mas, como há vocábulos que admitem muitas derivações, e alguns que significam, por antífrase, o contrário do que soam, assim o entendo deste nome, posto que tão luzido. (Vieira 1959, 85)

Como se verifica, Vieira justifica a alteração do étimo proposto com o argumento de que a polissignificância das palavras legitima “muitas derivações”, o que corrobora a afirmação de

⁷ Zamboni fala em «romance da etimologia» (Zamboni 1976, 125), caracterizada pela excentricidade (amiúde pura manipulação) na busca da origem das palavras.

Saraiva a respeito deste criativo etimólogo: “o corpo das palavras é, nas suas mãos, uma matéria extremamente flexível, que ele molda livremente ao sabor da imaginação ou das intenções” (Saraiva 1996, 27). Ao arrepio das prescrições do discurso clássico – que preconiza a clareza, a univocidade, a monossemia, a precisão –, Vieira subverte (e inverte) a *origem* de uma palavra, num passo em que, poeticamente, remete para o lugar de onde tudo brota:

[A]ssim como o mundo se chama Mundo, porque é imundo, e a morte se chama Parca, porque a ninguém perdoa, assim a nossa terra se pode chamar Luzitânia, porque a ninguém deixa luzir. (...) A terra mais ocidental de todas é a Luzitânia. E porque se chama Ocidente aquela parte do mundo? (...) porque ali vão morrer, ali acabam, ali se sepultam e se escondem todas as luzes do firmamento. (Vieira 1959, 85)

É legítimo, lendo o excerto transcrito, e sobretudo situando-o no contexto do sermão, questionarmo-nos acerca da justeza deste esclarecimento etimológico⁸. Por um lado, sabemos que é falso, como nos comprovam os dicionários, unânimes em associar

⁸ Enquanto área da linguística que estuda a origem das palavras e seu percurso – por vezes difuso, indeterminado ou mesmo opaco –, a etimologia é votada, por múltiplos autores, ao descrédito. Vittorio Bertoldi, por exemplo, classifica-a uma mera «arte» (Bertoldi 1952, 183) – no patamar da pintura ou da música – em que a produção intelectual é regulada pelo domínio da criatividade. Voltaire, em tom sardónico, tê-la-ia considerado «une science où les voyelles ne font rien, et les consonnes fort peu de chose» (Considine 2009, 181). Yakov Malkiel, responsável por resgatar a etimologia dos escombros em que se ocultara, procura encontrar uma justificação para as etimologias criativas. De acordo com o autor, quem examina a árvore genealógica de uma palavra manifesta, em última instância, um «desejo de transcender a esfera do óbvio e do provável» (Malkiel 1968, 177). É nesse círculo concêntrico que se encontra Vieira. Independentemente da variedade de posições existentes na complexa discussão relativa à cientificidade da etimologia – e sem pretender fazer a apologia, quiçá arriscada, da «etimologia pura» – a verdade é que o recurso a explicações de ordem etimológica deveria, no contexto de qualquer discurso, constituir um alicerce da argumentação, baseado no princípio – expectável – da coerência lógica. Intuitivamente, afirmaríamos que a etimologia confere solidez ao λόγος. Vieira, todavia, tem outro propósito em mente.

“Lusitânia” à divindade Luso. Por outro, o próprio autor vacila entre um étimo solar e outro nocturno, porventura incompatível com o primeiro. Quando a antífrase norteia as investigações de um etimólogo barroco, fomenta “muitas derivações” e exime o autor da coerência lógica⁹.

O εθος da Natureza

A convocação da Natureza para integrar a plêiade de autoridades argumentativas é um *topos* da retórica vieiriana. A ideia de que a Natureza, filha primogénita de Deus, dispôs todas as coisas de acordo com uma determinação celestial ilustra, com frequência, o ponto de vista explicitado, validando-o. Acontece, contudo, que a alusão à Natureza não constitui, por si só, um argumento convincente, e o sermão de 71 é o exemplo disso. Diz o orador: “Não é Santo Isidoro nem Marco Varro o autor desta funesta etimologia, senão a mesma Natureza e o mesmo céu, com o curso e ocaso de suas luzes” (Vieira 1959, 95). A eficácia persuasiva do exemplo poderia, num primeiro plano, parecer assegurada, pois Santo Isidoro (o etimólogo por excelência) recua perante a elevação da Natureza ao estatuto de fonte sapiencial. Ainda assim, o texto prossegue e, num inusitado passo encomiástico, refere-se o deus Luso – que remete o leitor para o verdadeiro étimo da palavra “Lusitânia”; depois, o orador deprecia o valor de uma determinada “terra” (a portuguesa), que peca por “esterilidade natural”. Estes dois aspectos parecem contraditar a defesa inicial de uma Natureza virginal, imaculada, de onde provêm todos os esclarecimentos luminosos. A etimologia da Natureza não corresponde àquela a que o próprio autor alude; por outro lado, a (nossa) terra, ora é a origem da luz, na medida em que a carrega no nome, ora é nascente da escuridão, convertida numa planta (António) que não pode dar fruto.

⁹⁹ Afirma Saraiva, estabelecendo uma diferença significativa entre discurso clássico e discurso engenhoso: «As únicas regras a que a palavra não pode fugir são as da gramática» (Saraiva 1996, 8).

Um contexto soturno?

O tom marcadamente negativo do segundo sermão concorre para operar “uma espécie de deslizamento de *placas sobrepostas* que faz emergir progressivamente, quer as figuras enunciadas, quer a do seu enunciador” (Rita 2011, 252), abrindo caminho a uma leitura biografista, se tivermos em conta a circunstância em que o texto foi preparado. Em epístola ao marquês de Gouveia, redigida uma semana após a data em que supostamente deveria ter proferido a sua homilia, Vieira declara que não se acometera a pregar o sermão “porque os italianos não entendem o que [diz] e os castelhanos querem entender mais do que [diz]” (Vieira 1993, 144). Em várias edições do texto, surge, em nota de rodapé, a referência a “problemas de saúde” que teriam impedido o orador de pregar o sermão. A título oficial, a sua deslocação a Roma estava relacionada com a canonização de um conjunto de mártires jesuítas portugueses. No entanto, uma razão pessoal justificava também a demanda: o pedido de revisão do processo que a Inquisição contra o pregador levantara em 1663. Com o intuito de anular a sentença inquisitorial, suplicou por cartas de recomendação a diversos representantes oficiais do reino e figuras da soberania, não encontrando qualquer eco favorável junto da camada política portuguesa: a rainha D. Catarina (casada com Carlos II de Inglaterra) declina o pedido, motivada pelas dissidências políticas que a afastavam do padre jesuíta; o regente D. Pedro contorna o problema, reiterando uma solicitação já antiga: que preparasse uma edição dos seus *Sermões*. A situação agudiza-se quando, em Setembro de 1671, escreve uma carta ao príncipe, da qual espera uma réplica bonançosa – mas em vão. Talvez o silêncio insuportavelmente ruidoso tenha levado o orador a camuflar-se, como era seu hábito, no nome do seu santo predilecto.

O εθος de António

Margarida Vieira Mendes, na sua tese seminal *A oratória barroca de Vieira*, sustenta que a obra do pregador jesuíta se encaixa no postulado aristotélico, de acordo com o qual o

carácter do orador constitui a pedra basilar da retórica: “A conhecida hipertrofia da sua personalidade (...) absorve grande parte quer do domínio emocional (*pathos*) quer da componente simbólica e verbal (*logos*)” (Mendes 2003, 30). A prolífica obra do sermônista é a prova viva do relevo conferido ao orador. No *Sermão da Sexagésima*, analisado arguta e microscopicamente por Vieira Mendes (Mendes, 2003, 215), a construção de um *alter ego*, por meio do recurso à *imago*, evidencia a aspiração vieiriana de *ser* (como) S. João Baptista, fundada nas afinidades entre as *acções* do santo e do pregador. Assim acontece no *Sermão da Primeira Oitava da Páscoa*, em que Vieira se equipara, reiteradamente, a Cristo. De forma similar, mas agudizando o engenho, a analogia entre o orador e o santo homónimo no *Sermão de Santo António (aos Peixes)* intumesce o ἔθος vieiriano, porquanto a ambiguidade dos *exempla*, sublimando a similitude, potencia a dupla leitura que Vieira almeja. Na afirmação “ouvistes a Palavra de Deus da boca de seu servo António” (Vieira 1984, 77), o missionário jesuíta confunde-se com o cónego regente – no nome próprio que lhes é comum.

Ora, no caso do sermão de 1671, o ἔθος adquire uma expressão subtil e artificiosa. No sermão aos peixes, Santo António é referido, não só mas sobretudo, como uma *auctoritas* – invocada para carimbar, com o selo de Deus, a argumentação. Já no sermão analisado é a coincidência biográfica que está em jogo:

Queixava-se o ano passado (se bem vos lembra) a sua e nossa pátria de se ver deixada de um filho e tal filho como António (...) assim como Santo António foi obrigado a deixar Portugal, para ser português; assim foi necessário que se tirasse dentre os portugueses para ser tão grande homem e tão grande santo quanto foi. (Vieira 1959, 83-84)

Trata-se de uma habilidade engenhosa do orador: as comparações utilizadas remetem, metonímica e metaforicamente, para a auto-referencialidade, que a semelhança onomástica propicia. O ἔθος de Vieira consubstancia-se no de Santo António: se retirarmos da frase as duas ocorrências da palavra “santo”, depararemos com um auto-retrato de Vieira. A carta endereçada

ao marquês de Gouveia em Julho de 1682 confirma o propósito retórico do autor humilhado e ofendido: “Também no de Santo António em Roma cuidaram aqui os revisores que as ingratidões da pátria do mesmo Santo, sem lhe mudar o nome, se podiam aplicar às que eu tenho experimentado” (Vieira 1993, 473).

Conclusão

Descrevendo a ambivalência da epopeia camoniana, Maria Vitalina Leal de Matos afirma que “o texto é complexo e, por vezes até, contraditório. Em certos momentos exhibe uma face menos gloriosa; aquela em que emergem as críticas, as dúvidas, o sentimento de crise.” (Matos 2014, 27). É essa a tónica do sermão atónico, tenebrosas palavras para lusitanos distantes.

À maneira do “nosso Homero”, que conclui o seu poema épico com “a lira (...) destemperada e a voz enrouquecida” (Camões 1998, 289), o nosso Cícero, assombrado pelo negrume da *ingrata patria*, sente na pele e na pena a mesma solidão do flamingo, deixando estampada na obra “a sua indignada assinatura de escritor maltratado pela pátria” (Mendes 2003, 292), de que este sermão – sorumbático, inflamado e dolente – é um lúcido exemplo.

Bibliografia

- Bertoldi, Vittorio. 1952. *L'arte dell'etimologia*. Napoli: Liguori.
- Camões, Luís de. 1998. *Os Lusíadas*. Lisboa: Civilização Editora.
- Considine, John. 2009. «*Les voyelles ne font rien, et les consonnes font peu de chose: On the history of Voltaire's supposed comment on etymology*» in *Historiographia Linguistica*, No. 36, 181-189.
- Cunha, Mafalda Ferin. 2012. *Padre António Vieira*. Lisboa: Edições 70.
- Espírito Santo, Arnaldo. 2012. «A retórica do elogio», in *eHumanista* 22. FL-CEC. 190-210.
- Matos, Maria Vitalina Leal de. 2014. *Tópicos para a Leitura de «Os Lusíadas»*. Coimbra: Edições Almedina.
- Malkiel, Yakov. 1993. *Etymology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Mendes, Margarida Vieira. 2003. *A Oratória Barroca de Vieira*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Pessoa, Fernando. 1972. *Mensagem*. Lisboa: Ática. 92.
- Rita, Annabela. 2011. “Vieira num Sermão entre Luz e Sombra”, *Padre António Vieira. O Tempo e os seus Hemisférios*, Lisboa: Edições Colibri. 247-253.
- Saraiva, António José. 1996. *O Discurso Engenhoso. Ensaios sobre Vieira*. Lisboa: Gradiva.
- Vieira, Padre António. 1959. *Sermões*. Porto: Lello & Irmão.
- . 1984. *Sermões Escolhidos*. Lisboa: Ulisseia.
- . 1993. *Cartas*. Lisboa: INCM.
- . 1854. *Cartas do Padre António Vieira*. Lisboa: Editores J. M. C. Seabra & T. Q. Antunes. Tomo I. LXXVIII. 109.
- . 2008. *Sermões de Santo António*. Lisboa: Portugália Editora.
- Zamboni, Alberto. 1976. *L'etimologia*. Bologna: Zanichelli.